

“VAMOS FAZER O CABELO”: UM ESTUDO SOBRE AS MULHERES TRANÇADEIRAS DE MARABÁ

Data de aceite: 01/09/2023

Elane Pereira Brito

Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia – PDTSA da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, cidade de Marabá-Pa.
<https://lattes.cnpq.br/2103635169052159>
orcid.org/0000-0002-0690-6060

Alexandre Silva dos Santos Filho

Profº. Drº. no Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais na Amazônia – PDTSA da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, cidade de Marabá-Pa.
<https://lattes.cnpq.br/7245793164008684>

RESUMO: Desde os tempos mais remotos em que as historiografias de registros dos cabelos sempre foram para os povos de origem africana um símbolo político de identidade e de manifestação de uma estética e de expressões corporais próprias. Neste contexto o trabalho de mulheres que cuidam e manipulam os cabelos e em especial as trançadeiras ou trancistas também remontam a vários séculos de história, sendo uma atividade eminentemente feminina. Neste sentido o presente trabalho tem por objetivo

de pesquisar as práticas profissionais e experiências estéticas e políticas de mulheres trançadeiras no município de Marabá estado do Pará. O trabalho dessas mulheres é de fundamental importância para a reprodução, difusão e afirmação de valores político, estéticos e identitários negros ou afros da comunidade local. Este texto foi construído sobre a perspectiva de uma abordagem metodológica qualitativa utilizando-se de técnicas de pesquisa como a bibliográfica e a realização de entrevistas. De maneira mais específica o trabalho discute questões teóricas como estética negra ou afro, expressões corporais negras, identidade negra, cabelos e penteados afros e mulheres trançadeiras. Em grande medida constatou-se que as mulheres que participaram da pesquisa se tornaram trançadeiras por não encontrarem no mercado predominante de estética produtos e profissionais especializados em cabelos afros. Além disso, as mulheres trançadeiras passaram a se profissionalizar neste ofício, transformando-as ideologicamente, esteticamente e politicamente para visões de mundo que valoriza e incorpora de maneira mais sistemática elementos culturais de origem e influência africana.

PALAVRAS-CHAVE: Cabelo Afro. Mulheres

“LET’S DO THE HAIR”: A STUDY ON THE BRAIDING WOMEN OF MARABÁ

ABSTRACT: Since the earliest times, historiographies record that for people of African origin, a political symbol of identity and the manifestation of aesthetic and bodily expressions of their own. In this context, the work of women who care for and manipulate hair, especially braiders, also dates back several centuries and is an eminently feminine activity. In that regard, the present work aims to research the professional practices and aesthetic and political experiences of women braiders in the municipality of Marabá, Pará State. The work of these women is of fundamental importance for the reproduction, dissemination, and affirmation of political values, aesthetics, and black or African identity in the local community. This dissertation was built from the perspective of a qualitative methodological approach using research techniques such as bibliographies and interviews. More specifically, the work discusses theoretical issues such as black or Afro aesthetics, black body expressions, black identity, Afro hair and hairstyles, and women braiders. To a large extent, it was found that the women who participated in the research became braiders because they could not find products and professionals specialized in Afro hair in the predominant market for aesthetics. Furthermore, the women braiders began to professionalize in this trade, transforming them ideologically, aesthetically, and politically into worldviews that value and incorporate more systematically cultural elements of African origin and influence.

KEYWORDS: Afro hair. Braiding Women. Black Aesthetics. Black Identity. Resistance and Black Existence.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo irá tratar das práticas profissionais de mulheres negras trançadeiras na cidade de Marabá, localizado no sudeste do Pará. As experiências estéticas e políticas analisadas a partir do ofício das trançadeiras pesquisadas é resultante de uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA.

Nesse sentido, por não estarmos desconectadas desse mundo contemporâneo e das suas dinâmicas sejam elas globais e locais o trabalho tem por objetivo geral pesquisar as práticas profissionais e experiências estéticas e políticas de mulheres trançadeiras neste município. De maneira mais descentralizada o trabalho perpassa também em discutir abordagens teóricas sobre a estética negra ou estética afro, identidade afro e expressões corporais negras.

Desde tempos remotos e imemoriais da história africana e de países e regiões do mundo para onde os negros e negras foram trazidos, as mulheres trançadeiras ou trançadeiras tem tido uma atuação fundamental com o cuidado fisiológico, estético e simbólico dos cabelos tanto no âmbito familiar, quanto no âmbito comunitário.

No contexto da pesquisa essas práticas são bem mais recentes, ao que parece

tem sido muito influenciada por fatores como uma circulação maior de informações e conhecimentos a respeito da cultura e da estética negra, da luta de movimentos sociais e também da institucionalização de políticas públicas em especial as de ações afirmativas. Talvez a experiência individual da autora não certifique plenamente isso, mas de certa forma foi percebido e tem se testemunhado que nos últimos anos, até porque ainda são poucas trançadeiras na cidade da pesquisa e de certa forma é possível mensurar isso, o surgimento e o aumento de mulheres que tem se dedicado ao ofício de trançistas ou trançadeiras em especial de cabelos denominadamente afros.

Diante de tais experiências e evidências, durante o curso de mestrado onde foram discutidas várias temáticas durante o curso das disciplinas, tais como estética afro, cultura afro, ancestralidades, diáspora, identidade, interseccionalidade, aspectos históricos e sociológicos dos povos africanos avaliamos como oportuno estudar um fenômeno que do ponto de vista local parece ser bem recente e em franca expansão e que certamente tem uma conexão e sentidos profundos com toda uma trajetória histórica e cultural advinda dos povos africanos.

Neste sentido, além de registrar esse fenômeno, é uma oportunidade importante de produzir um material que possa ser utilizado por educadores, estudantes, militantes, haja vista que as literaturas dedicadas ao estudo da estética afro, mulheres negras trançistas na região do sudeste paraense ainda é bem restrita e com pouca apropriação deste assunto, com isso acredita-se que este trabalho tende a de certa forma dá sua contribuição para os estudos como um todo de relações étnico-racial, identidade negra e valorização da estética afro. Certamente isso legitima a construção desta reflexão.

De certa forma, acredita-se que é uma oportunidade de estudar e debater temas a partir de uma perspectiva acadêmica que predominantemente são invisibilizadas e subalternizadas. Sendo assim a pergunta central deste trabalho se formata da seguinte maneira: “Existem sentidos estéticos, políticos e afirmativos de identidade afro, nas experiências e práticas profissionais de mulheres negras trançadeiras em Marabá? ”. De maneira preliminar, pode-se dizer que parte dessas mulheres se tornaram trançadeiras por não encontrarem no mercado predominante de estética produtos e profissionais especializados em cabelos afros, daí estas passaram a se profissionalizar neste ofício e mais do que isso esse processo os transformaram ideologicamente, esteticamente e politicamente para visões de mundo que valoriza e incorpora de maneira mais sistemática elementos culturais de origem e influência africana.

2 | TRANÇANDO HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES NEGRAS TRANÇADEIRAS EM MARABÁ-PA

Foram realizadas 07 (sete) entrevistas com mulheres negras trançadeiras de Marabá, existem outras profissionais atuando na cidade, mas algumas não quiseram

participar da pesquisa e outras não foram localizadas ou tiveram contratempos que impossibilitaram outras entrevistas. No entanto, considera-se aqui uma quantidade significativa de entrevistas, tendo em vista que essa atividade ainda é feita por poucas profissionais. No questionário semiestruturado contido em três blocos de questões sendo um que trata de informações pessoais das entrevistadas, um segundo bloco que questões que trata sobre aspectos da profissionalização destas trançadeiras e um terceiro bloco que trata de questões estéticas do trabalho das entrevistadas. As entrevistas foram realizadas entre os meses de setembro e novembro de 2022.

A primeira entrevista foi com Nadja Raylane da Silva, na época da entrevista a mesma tinha 25 (vinte e cinco) anos de idade, possuía o ensino médio completo, a trançista é natural da cidade de Barão do Governador no Estado do Maranhão e era solteira. A segunda entrevista foi realizada com Marcela Magalhães Soares de Araújo, ela é natural de Marabá, na época da entrevista tinha 30 (trinta) anos de idade, residia no Bairro da Liberdade, era casada e sua situação de escolaridade era ensino superior incompleto, cursava estética e imagem pessoal. A terceira entrevista foi com Claudiana Luz dos Reis, na época da entrevista ela tinha 34 (trinta e quatro) anos, solteira e era graduada em geografia. A quarta entrevista foi com Ariele Katnen Barbosa Ataíde, ela é natural da cidade de Belém, vivia em união estável, era residente no Bairro do Vale do Itacaiúnas, tinha 26 (vinte e seis) anos de idade, solteira e possuía graduação de ensino superior. Raquel Cerqueira Rodrigues, outra entrevistada, ela é natural de Marabá, tinha 25 (vinte e cinco) anos de idade, tinha o ensino médio completo, chegou a cursar uma graduação em pedagogia, mas desistiu em razão de questões de maternidade e trabalho. A entrevistada lane Lilazia Lisboa Moreno, é natural de Belém e chegou em Marabá no ano de 2017, na época da entrevista era solteira e cursava graduação em artes visuais. E, por fim, foi entrevistada Maisa Nascimento Carvalho é natural de Marabá, na época da entrevista era solteira e sua escolaridade era nível superior incompleto.

A construção desta pesquisa surgiu a partir do primeiro contato que tive com a entrevistada lane Lilazia conhecida como “Sereias das Maracas” e “Sereias Trançadeiras”, lembro como se fosse hoje. Eu estava passando pela transição capilar e quem cortou o meu cabelo foi a ela. E com esta aproximação pude conhecer um pouco do seu trabalho de trançadeira aqui em Marabá.

A Sereia foi a inspiração deste trabalho, veio para Marabá em 2017 para estudar graduação em química na UNIFESSPA (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará), mas não se identificou com o curso e migrou para o curso de Artes Visuais. Durante o período pandêmico passou por momentos difíceis, pois perdeu sua mãe para a covid-19 e devido a esta perda trágica entrou em depressão e teve muita dificuldade para superar e dar continuidade a vida. Lilázia ficou conhecida primeiramente de Sereia das Maracas e hoje de Sereias Trançadeiras, devido a sua conexão com o carimbó¹, começou a participar

¹ Carimbó é de origem tupi e significa tambor. É uma dança folclórica da região norte do Brasil, típica do estado do

e tocar na roda de carimbo em 2016 na cidade de Belém no distrito de Icoaraci, lugar onde começou a frequentar todos os domingos e tinha o hábito de chegar na roda de cabelo trançado, saião, de chapéu de palha, dançava muito e saía sem falar com ninguém, toda misteriosa e voltava para sua casa. E por isso foi batizada de sereia pelo grupo e eternizada até atualmente, nome que já faz parte da sua história de vida.

3 | ACABEÇADAGENTEÉUMTERREIRO:TRANÇANDONAANCESTRALIDADE

Na história africana, a arte de trançar tinha várias simbologias, tais como: status, religião, parentesco, idade, etnia e outros critérios identitários representados pelo penteado. Estes elementos possuíam diversos significados na cultura africana, simbolizando assim, estado civil, classe social e família (CLEMENTE, 2010).

As comunidades africanas são constituídas por um conjunto de símbolos que se expressam oralmente nas “tradições orais que são recurso de metodologia histórica que permite sondar tempos e trabalhos da memória, alcançado lembrança de fatos, acontecimentos ou movimentos históricos, de modo de viver, sentir, pensar, produzir artes e ofícios” (ANTONACCI, 2018 p.117).

Os povos de matrizes orais são sensoriais, e esta faculdade de percepção sobrenatural que o corpo transcende pelo regime de símbolos orais foi um dos únicos elementos que não lhe foram tirados no processo diaspórico forçado destas populações. Esta formação cosmológica africana, traz um estimado exemplo do conhecimento interdisciplinar através da interligação entre os sentidos, saberes e a comunicação entre a natureza e o mundo ao seu redor.

Desse modo, é no espaço simbólico, a cabeça, que as mulheres trançadeiras fazem de sua profissão um canal de aprendizagem e comunicação de saberes convencionados na elaboração de penteados trançados, sobre o que Santos (2019) enfatiza que as tranças afro são símbolos identitários do patrimônio cultural brasileiro deixado pelos nossos ancestrais africanos. Este território é complexo repleto de ensinamentos ancestrais. É tanto que de certa forma essas ideias repercutem na fala de uma das entrevistadas que é Raquel Rodrigues, vejamos a seguir:

As energias internas do nosso cabelo capta muito fácil, então mesmo ela usando um turbante no candomblé, elas raspa o cabelo [...] trançam pra poderem se fechar pra poder receber as pessoas que elas vão tratar, então é uma proteção, então é bem-vindo [...] Eu tô fazendo uns estudos eu tô me aprofundando sobre a relação da trança e a espiritualidade né, tô estudando no terreiro mesmo, tipo eu pergunto para os guias né alguma dúvida que eu tenho aí eu já descobri muita coisa, já descobri que é uma herança ancestral né que foi passada pra mim e agora recentemente eu descobri que toda vez que eu toco na cabeça me vem muitas coisas sobre a pessoa [...] vem muitas

Pará. Esta modalidade rítmica ficou conhecida como “dança do carimbo”, possuindo todo um conjunto de instrumentos musicais, acompanhado de tambor, maracá, pandeiro e flauta (FORIN, 2016).

coisas sobre sonhos, tipo assim, quando a pessoa está com ansiedade eu sinto durante o processo da trança e é como se eu tivesse que vencer aquilo pra poder ajudar a pessoa [...]. Aí eu pesquisei que desde o candomblé o ato de trançar (RODRIGUES, entrevista, 04/10/ 2022).

De acordo com os relatos da trançista, as tranças além de serem terapêuticas, elas são instrumentos de proteção e de cura. E um tratamento que cuida da imagem externa e interna das pessoas. Percebi aqui nesta riquíssima informação que estamos o tempo todo conectado com o cosmo e as energias, seja positiva ou negativa. E seguindo:

Aí eu pesquisei que desde o candomblé o ato de trançar é pra fechar o ori [...], então tipo a trança na cabeça ela fecha o ori, porque o nosso cabelo são antenas né, são antenas, isso é biológico, o nosso cabelo são antenas que capta né as coisas ao redor da gente. Então, quando no candomblé a gente fecha né que vem a realidade do negro né, escravidão, opressão, o preconceito, então quando eu tranço eu fecho o meu ori. Então muitas energias eu não fico suscetíveis digamos assim né (RODRIGUES, entrevista, 04/10/2022).

No rito de iniciação do candomblé, tanto a cabeça e os cabelos são sacralizados, pois, os cabelos estão ligados à nossa ancestralidade. E neste processo os cabelos são cortados, raspados e guardados. Nos espaços de terreiros possuem uma epistemologia ancestral que versa sobre a perspectiva Irun Ori (cabelo e cabeça). A ancestralidade é compreendida como uma categoria analítica que se atualiza e ritualiza as experiências africana em contexto de diáspora. A entrevistada Raquel Rodrigues baseado em suas leituras e pesquisas coloca que:

O ori no candomblé é a cabeça e vem do iorubá, essa palavra vem da cultura ioruba africano [...] o ori é como se fosse um altar é como se fosse onde o nosso espírito habita em nosso corpo né, então é algo que a gente tem que contemplar, dizem que inclusive na cultura africana o mal pensamento é uma sujeira [...] a cabeça da gente é um terreiro, têm que tá limpo [...] Então eles acreditam que tua cabeça é teu templo [...] têm que limpar esses pensamentos, ai vêm a questão do ori de fechar o ori que é a cabeça né, o fechar tua cabeça para quer? Tu se protege para não entrar qualquer coisa, tu ir num lugar que tu vai ficar imersa a diversos tipos de energias, tu têm essa proteção a leitura do capilar né, tá fechado aqui, tá trançado [...] (RODRIGUES, entrevista, 04/10/2022).

Para os povos iorubas que chegaram no Brasil no final do século XVIII, a cabeça e o Ori e Irun significa cabelos da cabeça. Nas comunidades de terreiro a cabeça é sinalizada como a parte mais importante do corpo, ocupando assim um lugar significativo. É devido a isto que o cabelo é valorizado porque está localizado em um território sagrada e de grande poder (SANTOS, 2022).

As mulheres negras trançadeiras são as mãos que cuidam do Ori, ou seja, da cabeça, lugar onde estão os nossos pensamentos, percepções, sensações e sentimentos. Esses saberes são heranças deixadas pelos nossos ancestrais africanos e estão presentes no cotidiano das famílias negras (SANTOS, 2022). E se faz presente na ancestralidade, o

seguinte:

Eu tive uma visão né e antes disso eu já tinha me comunicado com alguns ancestrais que me mostraram como é que foi que eu aprendi a trançar aqui né, que é meu povo lá da Bahia né que são a minha família [...] E aí me veio tudinho, tipo mostram tudinho [...] eu vi também, eu vi o quilombo, eu vi algumas pessoas da minha vida como se fosse no passado, e algumas coisas né, uns conhecimentos que foi permitido pra que eu tivesse né, acesso a isso (RODRIGUES, entrevista, 04/10/2022).

As mulheres trançadeiras são escolhidas pela ancestralidade. A arte de trança é um saber nato que já nasceu com elas, onde as mesmas de certa forma são escolhidas pelos nossos antepassados para compartilhar e manter viva as heranças culturais deixadas pelos povos africanos em territórios de diáspora. A trancista Raquel é adepta do Santo Daime² que é uma religião indígena da floresta. E durante a realização de trabalhos daimista, a mesma fez uma viagem astral e visualizou uma Rainha africana com o cabelo todo trançado em forma de turbante e acompanhada de um Leopardo, ou seja, o desenvolvimento de sua espiritualidade está lhe possibilitando comunicação com divindades que fortalece ainda mais a sua ancestralidade de mulher negra trançadeira. Essas vivências são importantes porque nos mostra que os conhecimentos ancestrais vão além da estética e estão relacionados com a espiritualidade e a religiosidade. O ato de trançar trabalho com a parte estética, psicológica e espiritual da pessoa, tornando assim uma atividade terapêutica. Vejamos a seguir parte deste relato:

[...] agora recente eu vi essa mulher que pra mim muito negra, negona né e ela tinha um turbante, assim só feito de tranças, tipo as trancinhas bem fininhas, tudo enroladinho assim, fazendo tipo um monumento na cabeça dela e do lado dela tinha uma onça leopardo do lado dela, tipo ela na harmonia, tipo o leopardo assim do lado dela existia uma conexão entre eles [...] aí ela era muito escura aí tipo veio a questão da África, a relação com a natureza né, desse empoderamento da gente se ver como divindade mesmo né que Deus fez a gente e a gente tem muitas capacidades de conexão com as coisas que a gente se identifica na terra [...] e aí veio a confirmação, olha umas das coisas que tu tinha que fazer nessa vida era isso [...] (RODRIGUES, entrevista, 04/10/2022).

Santos (2002), menciona que a trança é que te escolhe, as trancistas são suas eleitas. Isto porque o ofício de trançar cabelos não pode ser exercido por qualquer pessoa, tem que ter uma espécie de chamado, ou melhor, de predestinação isso também repercute nas falas das entrevistadas Claudiana Reis e Ariele Ataíde:

Eu tinha sete anos eu já sabia trançar [...] eu já fazia essas coisas tudinhos, já fazia penteados [...] trançar pra mim nunca tive dificuldade [...] aí as meninas chegava lá e quando voltava pra suas casas voltava com os cabelos tudo trançados, trança de raiz, soltas [...] aí tinha umas mães que me dava um agradinho [...] então eu sempre tive um jeito de sobreviver. Aí quando entrou

2 O Santo Daime é uma doutrina sincrética de origem indígena que apresenta influências do cristianismo, espiritismo e religiões de matrizes africanas. O daime ou ayahuasca é uma bebida cerimonial usada durante o ritual religioso, sendo composta pelos vegetais: cipó jagube e a folha chacrona, ambos encontrados na Floresta Amazônica (FROES, 2019).

a onda do rastafári [...] uma vez a minha irmã colocou né, naquele tempo só existia o “canecalon” [...]. Ai uma vez a minha irmã pediu para Neth colocar o cabelo dela ai eu fiquei lá olhando ali, ai eu falei mais isso é fácil [...] e ai a Neth na época cobrava 40 reais, mais era muito dinheiro, ai eu falei pra preta minha irmã: preta na próxima vez eu faço. Ela disse: “Até parece que tu sabe fazer”. Eu disse: eu sei e vou te mostrar como eu sei, tinha sobrado um pedacinho no dia que eu tirei a trança do cabelo dela, ai eu falei vem cá deixa eu te mostrar como eu sei [...] ai eu peguei uma mechinha fiz e enrolei a trança tudo bacaninha, tudo direitinho. Ai ela disse: “Tu sabe fazer isso como? – Não, eu só vi a Neth fazendo, isso é uma coisa muito fácil eu só vi uma vez e aprendi [...] porque a Neth não ensinava isso pra ninguém [...] ai pronto as vizinhas viram e ai que eu comecei a mexer (REIS, entrevista, 17/09/2022).

[...] caramba eu fui predestinada a fazer isso [...] eu acho que a gente tem uma predestinação [...] tu vai descer ai e vai fazer isso, isso é pra ti, isso é teu e é isso [...] (ATAIDE, entrevista, 04/10/2022).

Para elaborar os penteados trançados não é uma tarefa fácil, sendo necessário ter habilidade, criatividade, agilidade nas mãos, muita paciência e principalmente gostar do que faz, pois têm uns modelos de trançados afro que leva horas e horas para seres fabricados e finalizados. E o incrível deste relato é que aos sete anos de idade a trancista Claudiana já sabia fazer tranças e o penteando que hoje chamamos de “box braids” ela precisou somente ver alguém fazer para aprender sem nunca ter feito curso antes, por isso que este conhecimento é nato, ligado à nossa ancestralidade.

O ofício de trançar cabelos é uma atividade desenvolvida de forma ancestral, tornando-se algo espontâneo, como se fosse uma decisão imposta pelos nossos antepassados para dar continuidade a estes saberes que é tão importante para o fortalecimento da identidade e do empoderamento de mulheres negras, pois:

[...] você mostra quem é através do teu cabelo né da tua ancestralidade. Se tu é negra o teu cabelo é de preto, tu tem que usar daquele jeito pra quer modificar. As pessoas dizem assim: “Ah não a pessoa alisa tudo bem, mas cada um com o seu gosto – gente mais não é, a mulher negra fica bonita de cabelo crespo não é, parece que moldura o rosto (REIS, entrevista, 17/09/2022).

Nesta narrativa a trancista destaca a importância dos sinais de negritude visível no corpo para a afirmação da identidade negra em mulheres negras que não precisam modificar seus cabelos para se sentirem bonitas e desejadas, enaltecendo assim a beleza dos cabelos naturais e crespos.

Gomes (2019), também, vai definir que o cabelo crespo é um importante símbolo ancestral e genealógico africano, possuindo assim expressões simbólicas da identidade negra no Brasil. O cabelo é pensado como linguagem social, resistência, política, cultura e religiosidade.

4 | TRANÇADO AFRO: SÍMBOLO DE EMPODERAMENTO

No contexto social afro-brasileiro, as tranças fazem parte do patrimônio histórico e cultural deixados pelos nossos ancestrais africanos, estando assim presente na memória coletiva do povo negro. A técnica de trançar o cabelo torna-se umas das primeiras formas de manipulações dos fios crespos de mulheres e crianças negras (GOMES, 2002).

As mulheres trançadeiras negras são comunicadoras de saberes que contribuem para a preservação da memória ancestral africana, reconhecidas como construtoras e estimuladoras de empoderamento identitários. O penteado trançado é estética corporal³ que está presente em toda a vida da mulher negra, que aprende a manipular os fios desde o ambiente familiar até os mais sofisticados de salões de beleza afro.

A construção da memória e dos saberes é acionado pelo regime da repetibilidade dos sujeitos na análise discursiva (INDURSKY, 2011). Isto favorece a internalização das práticas tradicionais, juntamente com o exercício da criatividade para a criação de outros penteados trançados.

O recurso estético de trançar os cabelos acompanha as famílias negras desde a diáspora africana ao Brasil. A prática de usar o penteado trançado é um estilo usado principalmente nas crianças negras para ir à escola (SANTOS, 2019). As instituições educacionais são espaços que impõem padrões estéticos e comportamentais que apelam para as normas e aos discursos higienistas, a fim de exigirem que as crianças estejam com o cabelo bem arrumado e penteado no ambiente escolar (GOMES, 2019).

Trançar é uma prática estético-social e histórica que possui várias utilidades, seja para esconder, camuflar ou significar a identidade, mas o seu significado é histórico, e mesmo com a opressão racista a população afrodescendente não deixou de usar o penteado trançado em seus cabelos. As tranças podem ser encontradas em outras sociedades, pois não é um atributo estético somente dos povos africanos (SANTOS, 2013).

É no exercício de entrelaçar os cabelos que as mulheres negras transistas exercem um papel essencial na formação identitária negra, reafirmando assim costumes culturais e históricos das populações negras em territórios de diáspora africana. As manipulações e cuidados com os cabelos são atividades antigas nas civilizações africanas que torna o ato de tocar o cabelo um processo simbólico que traduz os signos da identidade cultural africana que “permite e coloca negros e negras no centro do seu processo histórico” (CLEMENTE, 2010, p.12).

O ato de tocar, pentear e trançar as madeixas é uma forma de cuidar e de possibilitar sensações e sentimentos de satisfações com a beleza estética do outro. E isto eu chamo de terapia capilar e do corpo que trabalha com a elevação da beleza afro, da autoestima

3 A estética é compreendida como um conjunto de percepções e sensações que interligam indivíduos e sociedade, relacionando assim o ético estético aos valores construídos socialmente. (EUGENIO, 2020) E este processo social e cultural é responsável pela construção da estética corporal que produzem sentimentos de reconhecimento e pertencimento ancestral de africanidade.

e da aceitação da identidade étnica, tornando-se elementar para o autoconhecimento da pessoa negra, logo:

A Trança pra mim é vida[..] renova a autoestima de várias mulheres e eu gosto de fazer mesmo é quando as mulheres estão no período de transição e estão com crise de ansiedade e depressão[...] eu já atendi muitas clientes assim que entrou em depressão por causa da transição do cabelo. E até os próprios companheiros que não ajuda chamado elas de feias (SILVA, entrevista, 15/05/2022).

Com este relato percebi na prática a complexidade do cabelo crespo que envolve os sentimentos de insatisfação, prazer, desprazer, gosto e desgosto que estão no campo da dualidade. Então a projeção da estética está associada ao campo do desejo e as condições históricas e culturais construídas socialmente. Sousa (1983) afirma que na sociedade racista e capitalista o negro enfrenta as condições de opressões de raça, classe e de gênero.

O cabelo crespo faz parte de uma ideologia que se mostra sob diversos significados culturais e estéticos do corpo negro. Mulheres e homens negros levam em sua corporalidade signos e símbolos da negritude que foram fragmentados e marginalizados pela colonização e escravidão no Brasil. Além disso, o cabelo crespo deve ser observado na sua amplitude e não apenas como uma imposição ao padrão estético ocidental, mas o significado deste dentro da cultura é elementar em qualquer civilização que possuem habilidades e diferentes formas para manipular e estetizar a fibra capilar (SANTOS, 2013).

As práticas de entrelaçamentos dos fios crespos fazem parte da memória coletiva afro-brasileira que têm suas raízes na ancestralidade africana (SANTOS, 2013). E no contexto social e político de luta contra o racismo, representa um modo de resistência nos debates sobre identidade étnica. E estão presentes nas discussões políticas do movimento negro como símbolos estéticos afirmativo da cultura afro-brasileiras representada nos corpos (SANTOS, 2019).

As mulheres negras trançadeiras são as principais agentes comunicadoras de conhecimentos sobre o penteado afro, tornando esta habilidade herança cultural na contemporaneidade. Elas têm um papel fundamental na construção estética corporal de pessoas negras que desejam se autoafirmar e se conectar a sua imagem à memória ancestral africana. É importante observar que estas intervenções corporais no cabelo são realizadas pelas trançistas entrevistadas, na maioria das vezes em atendimentos domiciliares, ou mesmo na própria residência dessas mulheres, que têm muitas dificuldades de saírem de suas casas por causa dos filhos pequenos. Nesse sentido, a entrevistada Raquel Rodrigues relatou que:

Pra mim fazer tranças é bastante significativo porque eu passei pelo processo de transição e as tranças me ajudaram a me achar bonita novamente, então quando eu realizo esse trabalho eu sinto que de certa forma tô colaborando com a minha raça, como as mulheres, com a representatividade negra e dar

continuidade com esse trabalho que é muito antigo que geralmente era feito de mães pra filhas ne, avôs, eu acredito que carrega grande valor cultural é um símbolo de empoderamento[...] (RODRIGUES, entrevista, 04/10/2022).

E diante deste sentimento de pertencimento e ritualização da consciência histórica que é a manipulação dos fios crespos, o ato de fazer penteados trançados mantém viva a memória ancestral e a identidade de povo que foi desumanizado pela colonização branca europeia. Esta narrativa traz de forma nítida a importância que tem o ato elaborar tranças para o acionamento da memória, seja coletiva ou individual, pois nos aproxima ainda mais do nosso passado ancestral africano. E reafirma a nossa identidade negra, mostrando quem somos e porque usamos cabelo trançado.

As trançadeiras podem ser chamadas, também, de cabeleireiras étnicas de salões de beleza. Esta atividade milenar africana possuía valores sociais e simbólicos para muitos grupos étnicos. E devido a isto não pode ser associado apenas à concepção comercial ou produto de lucratividade (GOMES, 2006). Conforme Santos (2013), as mulheres negras trançadeiras são responsáveis pela manutenção da simbologia das tranças na memória coletiva do povo negro. E que além de exercerem este exercício no espaço doméstico, levam, também, aos espaços dos salões de beleza e para a militância negra. Esta prática além de ser milenar e ancestral é a única fonte de renda de muitas profissionais trancistas.

5 | TRANÇADO A SOBREVIVÊNCIA: “HOJE A TRANÇA É O MEU GANHA PÃO, DE ONDE EU TIRO O MEU SUSTENDO E DOS MEUS FILHOS”

A técnica de trançar os cabelos além de constituir como um saber matrilinear de expressão cultural e de heranças africanas torna-se, também uma forma de sobrevivência e sustentabilidade, trazendo assim autonomia financeira para mulheres negras que se dedicam a esta prática ancestral. Esta ocupação de trançar cabelos extrapola a esfera doméstica dessas mulheres e ganha força como ferramenta de luta contra os modos de racismos que estabelecem nos corpos negros o local da feiura e invisibilidade. Adicionalmente proporciona as mesmas autonomias financeiras bem como atuação na construção de outras imagens sobre os corpos e cabelos crespos, isto é, possibilita lugar de protagonismo. (SANTOS, 2019 p.73).

Este ofício empodera e valoriza a estética negra, trazendo aos corpos negros mais visibilidade e exaltação de sua beleza. Torna-se uma profissão, uma atividade laboral de sobrevivência e sustentabilidade dessas mulheres que conquistam liberdade e independência financeira e o aperfeiçoamento profissional. Isso inclusive é relatado pela trancista entrevistada Nadja Silva que relata que:

Eu me interessei a trançar quando as mulheres começaram a entrar em transição e vi que todo mundo tava fazendo e quis aprender também. Hoje a trança é o meu ganha pão, de onde eu tiro o meu sustento e dos meus filhos. Eu prefiro trabalhar em casa com tranças do que trabalhar na rua fazendo

E como enfatiza uma das ativistas percussoras do feminismo negro no Brasil, Lélia Gonzalez (2020), que a mulher negra continua sendo objeto de exploração e subordinação efetiva na sociedade brasileira, sobrevivendo com poucas possibilidades de ascensão no mercado de trabalho, condicionando-a as prestações de serviços domésticos e sexuais, pois:

O processo de exclusão da mulher negra é patenteado, em termos de sociedade brasileira, pelos dois papéis sociais que lhe são atribuídos: 'domésticas' ou 'mulatas'. O termo doméstico abrange uma série de atividades que marcam seu 'lugar natural': empregada doméstica, merendeira na rede escolar, servente nos supermercados, na rede hospitalar etc. Já o termo 'mulata' implica a forma mais sofisticada de reificação: ela é nomeada 'produto de exportação', ou seja, objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais (GONZALEZ, 2020, p.44).

Aqui, mais uma vez, ela nos coloca a refletir sobre a situação da mulher negra numa sociedade marcada por divisão racial e sexual do trabalho, cujos papéis que lhes são impostos compreende aqueles setores marginalizados e desvalorizados socialmente. Ser mulher e negra no Brasil é compartilhar de uma tríplice discriminação de raça, classe e sexo, colocando-as em um grau elevadíssimo de opressões.

A entrevistada Marcela Araújo relata um pouco das suas histórias em que a mesma acabou se tornando trancista, tendo nesta atividade a sua principal ocupação profissional:

Eu comecei tudo na verdade como manicure [...] ai eu fui prestar serviços em um salão em Paragominas que eu morrei lá e lá eu aprendi a escovar cabelos [...] eu tinha treze anos ai depois disso eu comecei a fazer tranças na minha sobrinha, comecei em casa [...] e com o passar do tempo [...] quando eu vi realmente ficar trabalhando mais com as trancista foi o tempo que eu morrei em Belém [...] é tanto que fiquei conhecida como a Rainha das tranças (ARAÚJO, entrevista 15/09/2022).

De certa maneira, a situação evidencia a mulher afro-descendente “é o retrato da feminização da pobreza observada em todo o mundo nas últimas décadas, 80% das mulheres negras estão concentradas em ocupações manuais; mais da metade são empregadas domésticas” (NASCIMENTO, 2003, p.119). Esta ocupação desvalorizada pelo sistema econômico é uma das atividades mais mal remunerada na sociedade brasileira. Em relação à questão da renda Elisa Nascimento (2003), coloca que “aproximadamente uma em quatro chefes de família afro-brasileira ganha menos que um salário mínimo [...]” (NASCIMENTO, 2003, p. 119). Logo, os índices de desempregos são bem mais elevados entre as mulheres negras do que as taxas analisadas de forma generalizada.

Conforme a pensadora Davis (2016) no sistema escravocrata a população negra era tida como propriedade, sem diferenciação da condição de gênero entre homens e mulheres que eram vistos apenas como unidades de trabalho. A mulher escravizada não tinha o privilégio de ser dona de casa, de cuidar dos seus filhos, pois trabalhava nas atividades

agrícolas e nos afazeres domésticos em tempo integral, além de sofrerem abusos sexuais e maus-tratos. Em consonância Collins (2009), ressalta que todas as mulheres negras foram vitimadas pelas práticas de opressões promovidas pela escravidão e pelo colonialismo. Este sistema capitalista e sexista subordina e coloniza os nossos corpos de forma atemporal, compreendendo passado e presente numa espécie de atemporalidade.

6 | CONCLUSÃO

Esta pesquisa é imprescindível para os estudos das relações étnicas, raciais e de gênero no território de marabá, e destaca o papel das trançadeiras negras na valorização da identidade étnica e na afirmação da negritude no sudeste paraense. Apresentando assim a performance estética do cabelo, o território da cabeça como forma de cultura e resistência aos padrões de beleza imposta pelo sistema dominante.

Durante as narrativas coletadas em trabalho de campo verifiquei que a maioria das mulheres trançadeiras pesquisadas são provedoras de suas famílias. E a única renda que possuem advém da estética afro, ou seja, do ofício de trançar cabelos que se tornou um instrumento de identidade, empoderamento e independência financeira para as mesmas.

Por outro lado, este ofício é responsável pelo fornecimento da manutenção da ancestralidade africana em contexto de diáspora, pois as mulheres negras trançadeiras são as principais guardiãs deste conhecimento que conecta homens e mulheres negras à valores culturais, políticos e estéticos num movimento transnacional.

E pude observa em campo que a atividade de trançar é essencial para o resgate da autoestima e da politização de mulheres negras, mas ao longo do tempo este ofício torna-se cansativo e exaustivo para estas mulheres que levam maior parte do seu cotidiano para elaborar penteados que levam em torno de até 12 (doze) horas por dia.

REFERÊNCIAS

ANTONACCI, M. A. M. **Corpos Negros: 'Arquivo Vivo' em episteme de 'lógica Oral'**. In: MENESES, Maria Paula; BIDAISECA, Karina (Org.). *Epistemologias del sur/Epistemologia do Sul*. Buenos Aires: Clacso, 2018.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural**. *Revista Brasileira de Educação*, n.21, p.40-51, 2002. Disponível: <https://www.scielo.br/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmr> Acesso em: 03 de agosto de 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e Cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Disponível em: http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_textos_sociologia/Negra.pdf. Acesso em: 03 de agosto de 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

INDURSKY, Freda. **A memória na cena no discurso**. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. (org). Memória e história na/da análise do discurso. Campinas. Mercado de Letras, 2011. p. 67-91.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Sortilégio da Cor: identidade, raça e gênero no Brasil**, São Paulo: Editora, Selo Negro Edições, 2003

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SANTOS, Luane Bento. **Entre trama e adornos: o Legado africano de trançar cabelos por uma perspectiva do patrimônio cultural**. Revista Ensaios e Pesquisa em Educação, Rio de Janeiro, v, 6, n, 1, 2019. Disponível em: <http://costalima.ufrj.br/index.php/REPECULT/article/> Acesso em: 03 de agosto de 2022.

SANTOS, Luane Bento. **Para além da Estética: uma abordagem etnomatemática para a cultura de trançar cabelos nos grupos afro-brasileiros**. 2013. 122 f. Dissertação de Mestrado (Relações Étnicas Raciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Acesso em: 03 de agosto de 2022.

SANTOS, Luane Bento. **“Trancista não é cabelereira! ”: identidade de trabalho, raça e gênero em salões de beleza Afro no Rio de Janeiro**. 2022. 339 f. Tese de Doutorado (Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, 2022. Acesso em: 03 de agosto de 2022.

CLEMENTE, Aline Ferraz. **Trança Afro: A Cultura do Cabelo Subalterno**. 2010. 15 f. Artigo de (Projetos Cultural e Organização) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, Acesso em: 03 de agosto de 2022.